FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

A Fabulosa Caravana do Seu Malaquias: O Mamulengo como Festa

Por Simone Carleto Fontes[1]

A peça *A Fabulosa Caravana do Seu Malaquias*, encenada pelo Grupo Boneco Vivo com texto e direção de Vivian Rau, é uma vibrante celebração da cultura popular que divulga a essência do teatro de mamulengos e do circo antigo. O espetáculo destaca-se pelo seu cuidado visual impecável, evidenciado nos belíssimos bonecos, na precisão da pintura e nos figurinos assinados por Carlos Césare. Este que interpretou Malaquias tantas vezes ao longo de sua carreira, se eternizou no teatro joseense e permanece a partir de seu brilhante trabalho como ator, cenógrafo e figurinista. A estética da empanada, nas cores preto com vinho, de veludo, tecido viscoso, com transparências de renda, remontam a grandes companhias mambembes ancestrais. Assim como o estandarte, brilhante e convidativo, cria de imediato uma atmosfera envolvente para o público.

A cadência da encenação é conduzida por música ao vivo, fortemente marcada pelos ritmos brasileiros, e pela prosódia marcante do Mestre de Cerimônias. Ele usa trajes impecáveis, com colete brilhante e gola de babados, além de cartola e bengala. Em cena, os brincantes estão vestidos com alegres figurinos e maquiagens palhacescas, com coletes e saias floridas: Cris Alvim (Carteiro/Josefina); George Furlan (Justino/Mágico/Encantador de Cobras); Jorge Peronelli (Malaquias); MAruam Di Camargo (Chato), Vivian Rau (Cobra); Nilton Blau (Músico Multiinstrumentista). Eles dão vida a figuras carismáticas, como o Poeta Justino — um boneco negro cearense vestido de paletó branco e chapéu — e a boneca preta Josefina Furiosa, também com seu lindo figurino com detalhes de saia, chapéu e bolsa. O embate entre ambos é construído através de trava-línguas "Bota pó pá tapa taio" e culmina numa disputa resolvida pelas palmas da plateia, resultando num irônico pedido de "voto

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

impresso auditável", seguido de "autodeclarado vencedor". O humor é reforçado pela personagem "Chato", que tenta usurpar o lugar do domador de cobras, mas acaba por receber uma bengalada como resposta.

O grupo atualiza de forma muito interessante as *gags* clássicas do circo, fazendo referências a figuras como o domador de leões, o homem forte e a mulher barbada. Um dos momentos altos é o número inédito de encantamento de serpentes protagonizado pelo Mestre Bigode. Vestido com um traje oriental e turbante, este encantador propõe um mantra indiano e um aquecimento corporal e vocal, antes de ser comicamente atacado pela sua própria cobra vermelha e colorida. Após soar a marcha fúnebre, a personagem regressa mostrando que está vivo e integra o contratempo na sua apresentação. A magia fica a cargo de Mister Lantejoula, o mestre dos sortilégios de cartola e capa dourada, que, com um sotaque estadunidense, invoca os elementos da natureza para realizar os desejos do público e multiplicar lenços, por exemplo: "Água e terra, fogo e ar/Faça o pensamento da Manuela se materializar".

A despedida do espetáculo, marcada pelo "Coco de Saída": "Adeus, adeus vamos cantar em outro lugar", demonstrando a continuidade da deambulação por esse mundão, sempre em busca do público, como acontece desde tempos imemoriais, e consolida a forte interação com o público. O Carteiro Tefex, uma figura colorida vinda do Amazonas, distribui cartas de agradecimento às crianças, abrindo espaço para o clímax visual: a entrada de uma cobra gigante de tecido que rasteja pelo chão com a participação entusiástica dos mais novos "Que bicho é esse que se arrasta pelo chão?/Não é jacaré nem camaleão".

Para além da apresentação, o grupo dialogou com público durante o bate-papo, ação fundamental para a formação de espectadores, permitindo em seguida que as crianças manipulassem os bonecos e experimentassem as técnicas tradicionais dos mamulengos de perto. O mamulengo é uma expressão tradicional e popular do teatro de bonecos do Brasil, originária do interior do Nordeste, principalmente de Pernambuco). Uma das hipóteses mais aceitas é de que o termo mamulengo venha de *"mão molenga"* (mão mole ou flexível), em alusão à agilidade necessária do bonequeiro para dar vida e movimento aos personagens. Os bonecos são esculpidos de forma artesanal ou feitos de papel maché, que é uma mistura de papel e cola e são manipulados por artistas chamados bonequeiros ou brincantes. As

encenações combinam improviso, música ao vivo, crítica social e sátira do cotidiano popular e retratam figuras de poder como o coronel, o policial, o padre, em disputa com vaqueiros, populares em geral, muitas vezes representado pelo personagem *Benedito*). Em 2015, o IPHAN reconheceu essa tradição como Patrimônio Cultural do Brasil sob o título de Teatro de Boneco Popular do Nordeste. Embora seja conhecido como *Mamulengo* em Pernambuco e no Distrito Federal, a mesma tradição assume outros nomes pelo país, como Babau, na Paraíba; João Redondo ou Calunga, no Rio Grande do Norte; Cassimiro Coco, no Ceará, Piauí e Maranhão; Mané Gostoso, em algumas regiões do Rio de Janeiro; entre outros.

Aqui no Festivale, o grupo Boneco Vivo mostra que o teatro popular continua sendo o espaço que melhor acolhe o público, promovendo a festa que é o povo junto, mobilizado pelo bem de todas as pessoas, alegre, feliz e sempre alerta, pronto para dar as mãos em festa e luta por dias melhores. Portanto, Carlos Césare e Edson Cavalcante, artistas populares incansáveis, que nos deixaram recentemente, recebem nosso reconhecimento e a certeza de que hoje fazem parte de nossa ancestralidade teatral, a nos acompanhar sempre onde tiver teatro e povo, Brasil adentro e mundo afora.